Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Grande Equívoco do Ocidente: como falhámos perante o terrorismo internacional e os impérios da força

Publicado em 2026-03-15 09:55:03

diálogo e inclusão institucional bastariam para moderar regimes hostis.

- A dependência energética da Rússia tornou-se uma vulnerabilidade estratégica, não um factor de pacificação.
- O Irão consolidou repressão interna e projecção regional através de proxies armados e fanatismo ideológico.
- A China utilizou a integração económica global para reforçar o seu poder militar, tecnológico e político.
- A ONU revelou limites estruturais perante grandes potências agressoras e regimes que desprezam normas internacionais.
- O futuro exige dissuasão credível, autonomia estratégica, guerra financeira inteligente e firmeza moral.

> *O erro do Ocidente não foi falar. Foi falar sem força. Não foi negociar. Foi negociar com quem sempre viu a negociação como pausa táctica, máscara diplomática ou intervalo para rearmar o ódio.*

Durante décadas, o Ocidente embalou-se numa ilusão confortável: a de que o comércio, a integração económica, a diplomacia permanente, a participação em organismos multilaterais e a retórica do direito internacional acabariam por moderar regimes hostis. A ideia era sedutora, quase elegante, quase civilizada demais para ser falsa. Quem entra no mercado global, dizia-se, acabará por respeitar as regras do jogo global. Quem participa nas instituições internacionais acabará por ser domesticado pela convivência. Quem exporta, importa, investe e negoceia deixará para trás os impulsos imperiais, os fanatismos teocráticos e as ambições totalitárias.

Mas a história recente não confirmou essa esperança. Desfez-na. A Rússia integrou-se o suficiente para enriquecer, modernizar-se parcialmente, vender energia à Europa e, ao mesmo tempo, reconstituir uma máquina de guerra e estudar meticulosamente as fraquezas estratégicas do continente. O

financiamento indirecto e instrumentalização do fanatismo. A China usou a abertura do sistema global para crescer, reforçar o Estado-partido, aprofundar a sua musculatura militar e insinuar ao mundo, com crescente clareza, que o seu horizonte estratégico não é a liberalização, mas o poder.

A primeira falha: confundir interdependência com pacificação

Um dos maiores erros estratégicos do Ocidente foi acreditar que a interdependência económica criaria automaticamente moderação política. A Europa, em particular, persuadiu-se de que a dependência energética da Rússia seria um factor de racionalidade recíproca. O raciocínio parecia impecável no papel: Moscovo precisava de vender, a Europa precisava de comprar, logo nenhuma das partes teria interesse numa ruptura profunda. O problema é que esse modelo pressupunha uma simetria moral e estratégica que nunca existiu.

Na prática, a dependência europeia do gás russo tornou-se uma fragilidade que condicionou a resposta política e atrasou a percepção do risco. Em vez de pacificar o Kremlin, o comércio energético financiou-o. Em vez de moderar o agressor, amoleceu o receio de o enfrentar. Uma relação

A segunda falha: uma dissuasão sem dentes

O Ocidente falou muitas vezes de dissuasão, mas durante anos praticou algo mais próximo de uma encenação de dissuasão. A verdadeira dissuasão não consiste em emitir comunicados severos nem em repetir fórmulas diplomáticas previsíveis. Dissuasão real significa convencer o agressor, antes do acto, de que o custo será rápido, doloroso, persistente e inevitável.

Ora, durante demasiado tempo, os sinais transmitidos aos revisionismos contemporâneos foram ambíguos, lentos ou fragmentados. A reacção ocidental parecia frequentemente refém de cálculos eleitorais, fadiga interna, divisões partidárias e interesses económicos instalados. Os inimigos observaram isso com atenção clínica. Perceberam que havia linhas vermelhas, sim — mas desenhadas a lápis. E onde há linhas a lápis, os predadores aprendem a passar por cima.

A terceira falha: supor reciprocidade onde só havia táctica

As democracias têm um vício nobre e perigoso: tendem a projectar nos outros a lógica que desejariam encontrar no

ou expansionistas encaram esses instrumentos de forma radicalmente diferente. Para eles, um acordo é frequentemente uma pausa útil. Uma negociação é um túnel para ganhar tempo. Uma assinatura é uma manobra, não uma transformação moral.

No caso do Irão, isso tornou-se dolorosamente claro. Décadas de diálogo, relatórios, inspeções, pressões alternadas e promessas de contenção não impediram o avanço do risco nuclear nem a continuação do apoio a redes armadas regionais. A linguagem diplomática produziu, demasiadas vezes, um efeito sedativo sobre o próprio Ocidente, como se o simples facto de haver mesa de negociação implicasse já uma travagem do perigo. Não implicava. Em muitos momentos, implicava apenas o seu adiamento táctico.

A quarta falha: subestimar a natureza ideológica do inimigo

Nem todos os adversários são apenas adversários de interesses. Alguns são adversários de civilização. O regime iraniano, por exemplo, não é apenas um Estado autoritário convencional com apetites regionais. É também uma estrutura político-religiosa assente em repressão interna,

Tratar um sistema deste tipo como se fosse apenas mais um actor difícil no tabuleiro internacional foi um erro de leitura. Há regimes que violam normas; há outros que vivem precisamente da sua violação. Há poderes que resistem à ordem internacional; há outros que se definem pela sua hostilidade estrutural a qualquer ordem que limite o seu projecto de dominação. Ignorar esta diferença é como tentar medir um incêndio com fita métrica.

A quinta falha: o adormecimento estratégico do Ocidente

O mundo livre habituou-se ao conforto do pós-Guerra Fria como se a história tivesse entrado numa sala acolchoada de conferências, mercados e declarações de princípio. As democracias quiseram colher dividendos da paz, reduzir a tensão, investir menos em defesa, acreditar que a ordem internacional seguiria em piloto automático. Entretanto, do outro lado, certos regimes pensavam em décadas, rearmavam-se, infiltravam narrativas, estudavam as fracturas das sociedades abertas e aprendiam a explorar os seus mecanismos de hesitação.

A liberdade, quando perde o sentido do perigo, torna-se preguiçosa. E uma civilização preguiçosa é um convite aberto aos impérios da força. O problema não foi apenas militar; foi

anomalia de países menos sofisticados, uma doença que a modernidade acabaria por dissolver. A modernidade, porém, não dissolveu a guerra. Apenas a sofisticou.

A sexta falha: a ingenuidade perante a China

Com a China, o engano foi ainda mais vasto e mais lucrativo para Pequim. Durante anos, repetiu-se a ideia de que o crescimento económico e a integração comercial conduziriam, gradualmente, a uma abertura política. Em vez disso, o regime chinês usou a prosperidade como combustível para reforçar o controlo social, expandir a vigilância tecnológica, robustecer a sua capacidade militar e projectar uma ambição geopolítica cada vez menos disfarçada.

Pequim entendeu o que muitos no Ocidente se recusaram a admitir: o sistema global podia ser explorado sem ser interiorizado. Podia ser usado sem ser respeitado. Podia ser aproveitado para acumular poder, influenciar cadeias de produção, dominar sectores tecnológicos, pressionar adversários e, ao mesmo tempo, manter um regime político fechado. A China não foi liberalizada pelo sistema; foi o sistema que, em parte, a fortaleceu.

Há outro erro profundo que atravessa estas décadas: a forma como parte do Ocidente escolheu falar — ou não falar — sobre o terrorismo internacional. Em demasiados momentos, o fenómeno foi descrito com uma linguagem burocrática, amortecida, quase clínica. Em vez de se nomear com clareza a natureza de certas estruturas de violência, preferiu-se dissolvê-las em fórmulas vagas: “instabilidade regional”, “actores não-estatais”, “complexidade do terreno”, “sensibilidades geopolíticas”.

Mas há momentos em que a lucidez exige nomes nítidos. Quando um regime financia, arma, treina e protege redes que semeiam medo, morte e caos através de milícias e proxies, estamos perante uma forma de agressão indirecta. Quando uma teocracia transforma o fanatismo em instrumento de projecção externa, não estamos perante uma diferença cultural: estamos perante um perigo estratégico. E quando o Ocidente hesita em nomear essa realidade, não está a demonstrar sofisticação — está a enfraquecer-se por dentro.

O que é preciso fazer para o futuro

É preciso começar por restaurar a ideia de **força credível**. Não falo de bravatas vazias, nem de teatralidade bélica para consumo televisivo. Falo de investimento sustentado em defesa, prontidão militar, produção industrial, protecção de

É igualmente essencial construir **autonomia estratégica real**. Nenhuma civilização pode dizer-se livre se depende, para sobreviver, da energia, dos minerais, da tecnologia crítica ou das cadeias logísticas de regimes hostis. O século XXI mostrou com brutal clareza que a dependência económica pode ser uma forma refinada de subordinação política. Libertar-se desse nó não é um luxo. É uma condição de soberania.

O futuro exige também **guerra financeira e tecnológica inteligente**. Sanções simbólicas já não bastam. É preciso fechar os circuitos de evasão, atingir bancos, companhias de fachada, redes de transporte, intermediários, exportações de uso dual, seguros, frotas paralelas e arquitecturas de financiamento obscuro. Quem alimenta o terror ou a guerra não deve encontrar no sistema global uma auto-estrada discreta para continuar a fazê-lo.

Mas há uma condição moral decisiva: o Ocidente tem de preservar a sua **superioridade ética**. O direito internacional não detém, por si só, tiranos ou fanáticos. Não tem esse poder mágico. Mas continua a ser essencial para impedir que as democracias, no acto de se defenderem, se convertam em caricaturas simétricas dos seus inimigos. Uma civilização livre tem de ser capaz de usar a força sem abolir a

cognitiva do nosso tempo. Propaganda, manipulação, infiltração narrativa, amplificação de fracturas internas, corrosão da confiança institucional e intoxicação permanente do espaço público tornaram-se armas centrais. O terrorismo internacional, os regimes autoritários e os seus ecossistemas de apoio não actuam apenas com mísseis, milícias ou drones. Actuam também com discursos, enganos, distorções e captura das emoções colectivas. Uma sociedade que não sabe defender a sua lucidez torna-se presa fácil de quem conhece o valor estratégico da mentira.

Por fim, é essencial diferenciar sempre **os povos dos regimes**. Conter o expansionismo russo não é odiar os russos. Enfrentar o regime iraniano não é hostilizar o povo iraniano, tantas vezes vítima das mesmas trevas que o Ocidente denuncia. Resistir à intimidação chinesa não implica demonizar uma civilização milenar. A clivagem moral correcta não é entre nações abstractas; é entre liberdade e opressão, entre sociedade aberta e poder fechado, entre pluralismo e fanatismo.

Conclusão

O Ocidente falhou porque acreditou que tratados sem força, comércio sem prudência, diálogo sem custo e instituições sem poder coercivo bastariam para conter actores que vivem

pela retórica.

Mas a resposta ao erro não pode ser um mergulho no delírio oposto. Não pode ser a renúncia ao direito, à proporção, à crítica ou à humanidade. O grande desafio histórico do nosso tempo é reconstruir uma civilização que saiba ser firme sem enlouquecer, forte sem se corromper, lúcida sem se render ao medo. O mundo livre terá de reaprender uma verdade antiga: a paz não sobrevive à custa da ingenuidade, e a liberdade não se mantém viva quando perde a vontade de se defender.

Referências de publicações internacionais

1. Comissão Europeia — REPowerEU e estratégia para eliminação das importações energéticas russas pela União Europeia. https://energy.ec.europa.eu/strategy/repowereu-phase-out-russian-energy-imports_en

2. Comissão Europeia — Roadmap to fully end EU dependency on Russian energy (6 de Maio de 2025). https://commission.europa.eu/news-and-media/news/roadmap-fully-end-eu-dependency-russian-energy-2025-05-06_en

3. Conselho da União Europeia — extensão das sanções individuais ligadas à agressão russa contra a Ucrânia (14 de

months/

4. NATO — The Hague Summit Declaration (25 de Junho de 2025). https://www.nato.int/en/about-us/official-texts-and-resources/official-texts/2025/06/25/the-hague-summit-declaration

5. NATO — Deterrence and Defence. https://www.nato.int/en/what-we-do/deterrence-and-defence/deterrence-and-defence

6. Nações Unidas — Charter of the United Nations, artigo 51. https://www.un.org/en/about-us/un-charter/full-text

7. IAEA — Verification and monitoring in the Islamic Republic of Iran (GOV/2025/24 e documentos correlatos). https://www.iaea.org/sites/default/files/25/06/gov2025-24.pdf

8. OHCHR — relatório sobre discriminação institucional contra mulheres e raparigas no Irão e violações graves de direitos humanos. https://www.ohchr.org/en/press-releases/2024/03/iran-institutional-discrimination-against-women-and-girls-enabled-human

9. Freedom House — relatórios Freedom in the World 2025 sobre Irão e Israel. https://freedomhouse.org/country/

Middle East (3 de Outubro de 2024). https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2024/10/03/g7-leaders-statement-on-recent-developments-in-the-middle-east/

11. Council on Foreign Relations — China and Russia: Exploring Ties Between Two Authoritarian Powers. https://www.cfr.org/backgrounders/china-russia-relationship-xi-putin-taiwan-ukraine

12. ECFR — Funding war, courting crisis: why China's support for Russia requires a European response. https://ecfr.eu/article/funding-war-courting-crisis-why-chinas-support-for-russia-requires-a-european-response/

13. Reuters — Taiwan reports renewed large-scale Chinese military flights (15 de Março de 2026). https://www.reuters.com/business/aerospace-defense/taiwan-says-large-scale-chinese-military-flights-return-after-unusual-absence-2026-03-15/

Francisco Gonçalves Para o **Fragmentos do Caos** Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**

com cobardia e deixam de ter coragem para defender a própria luz.

Nota Editorial

Este texto não nasce de qualquer romantismo bélico, nem de submissão a blocos, impérios ou interesses de ocasião. Nasce de uma constatação dura: o mundo livre passou demasiado tempo a confundir prudência com fraqueza, diplomacia com auto-ilusão e civilização com incapacidade de se defender. Enquanto isso, regimes autoritários, teocracias fanáticas e potências revisionistas ganharam tempo, recursos, influência e audácia.

Defender a liberdade não é um luxo retórico. É uma exigência histórica. E toda a civilização que perde a coragem de nomear o mal, de reconhecer o perigo e de erguer limites firmes contra a barbárie, acaba por abrir as portas da sua própria decadência. O problema nunca foi o excesso de lucidez. O problema foi o excesso de ingenuidade perante quem nunca teve escrúpulos em

repetir, com solenidade vazia, o confortável refrão do "não à guerra", como se a paz pudesse ser garantida por proclamações piedosas e frases de cimeira. Mas esse grito, quando não vem acompanhado de visão estratégica, capacidade de defesa, autonomia energética, músculo industrial e coragem política, não passa de cobardia mascarada de virtude. A paz nunca foi mantida por slogans. Foi sempre protegida por civilizações lúcidas, capazes de mostrar aos agressores que a sua violência encontraria muro, resposta e preço.

O verdadeiro pacifismo não consiste em negar o perigo, mas em impedi-lo de crescer. E uma Europa que se limita a sussurrar "não à guerra" diante de impérios armados, fanatismos militantes e potências revisionistas não está a defender a paz — **está apenas a confessar, em voz baixa, a sua própria decadência estratégica.**

Uma civilização que já não sabe defender-se deixa de ser futuro e começa a ser ruína com iluminação pública.

Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.

👁️ Esta página foi visitada ... vezes.